do desejo do analista e ato



do fracasso do ato ao desejo do analista, o "fazer escola"

a propósito do artigo de Didier Castanet, "A eficiência do ato e o desejo do analista"

Marie-Jean Sauret

O ponto de partida desta reflexão é a leitura do artigo de Didier Castanet, "A eficiência do ato e o desejo do analista"[1], que a coordenação da *Stylus* me pediu que examinasse no escuro.[2] Essa prática proporcionou uma ocasião rara para redescobrir o trabalho e o estilo de um amigo, um colega, uma personalidade, enfim, de alguém que não mascara sua pessoa. Agradeço a *Stylus* e a Didier Castanet, cujo anonimato foi desfeito pela publicação de seu artigo, a oportunidade de prosseguir um debate em que esse modo de passar leitura e se tornar leitor não é secundário. Didier Castanet toma como ponto de partida a problemática da "eficiência do ato", o que me levou a lhe fazer eco para questionar e propor uma leitura de algumas referências de Lacan relativas, *a contrario*, ao fracasso do ato. Trata-se de aproximar a lógica que permite decidir se um ato é mesmo um ato e avançar a respeito de suas possíveis condições de sucesso. No horizonte dessa reflexão, inscreve-se tanto a questão do ato analítico, do desejo do analista, como a da Escola.

[1] Castanet. A eficiência do ato e o desejo do analista. *Stylus*, p.68-74.

[2] N.T.: Sauret não sabia quem era o autor do artigo.

a falência do simbólico

O simbólico apresenta uma falha incurável, mas sem a qual não haveria lugar algum para o sujeito, que, de todo modo, não se resolve aí. "Por um lado", o significante só pode representar a si mesmo se excluir a palavra, como se observa na matemática, inapta para representar o sujeito. Mediante a impossibilidade de representar a si mesmo, o significante representa, para um outro significante, o sujeito que o articula. De maneira mais geral, o simbólico é mobilizável para "representar". "Por outro lado", o simbólico não tem meios para reduzir o objeto que ele representa a uma representação. Há então um resto a representar, que Lacan designa como a letra *a* quando se trata do real do sujeito: uma pedra no caminho.

Essa "pedra no caminho" evoca aquela a que o Pequeno Hans[3] recorreu ao tentar explicar a seu pai em que condição

[3] "...Tu devrais être nu [...] et te cogner à une pierre", dit Hans à son père, "et alors du sang coulerait et je pourrais au moins être un peu seul avec maman. Quand tu remonterais chez nous, alors je me sauverais vite loin de mama, afin que tu ne me voies pas." (Freud. Analyse d'une phobie chez un petit garçon de 5 ans (Le petit Hans) (1909). In: Freud. *Cinq psychanalyses*, p.151.)

este habitaria corretamente a função paterna. Convém que o pai se machuque com uma *pedra* que ele reconheça como sendo mais forte que ele, que se machuque nesse real do pai que Lacan coloca como agente da castração.[4] Então Hans teria medo do pai e deixaria o leito materno, o gozo insuportável, que a fobia remetia à periferia de seu mundo, enfim colocado em seu lugar.

[4] N.T.: *pierre* (pedra) e *père* (pai).

Longe de serem redibitórias, as faltas do simbólico (escritas respectivamente "A barrado" e "a"), condicionam a aplicação singular do poder de simbolização no ato da palavra. Graças à palavra, o sujeito terá uma visão do real que lhe concerne, com a condição de avançar até os limites do simbólico, entre outros, devido ao tratamento. Lacan nos advertiu de que foi onde Hans enganou seu pai e Freud, e é onde, desde então, que os analistas têm medo.[5] É o "horror do ato" que devemos questionar aqui, "horror" passível de levar ao malogro do ato.

[5] Lacan. *Télévision*, p.43 (Lacan. *Televisão*, p.48.)

Vejamos o malogro do simbólico, que condiciona o sucesso de seu funcionamento. É para isso que Lacan aponta com o fracasso do ato? Certamente, esse malogro não é livre de uma ligação com o malogro do a — é preciso demonstrá-lo — mas o malogro tem outra razão a ser buscada.

o ato de palavra

Partamos da dimensão que Lacan reconhece estar presente em todo ato e que Castanet recorda "não comportar em seu instante a presença do sujeito"[6]. Essa proposição parece incompatível com a constatação de que o ato é exigido quando se trata de inventar uma resposta diante da ausência de solução trazida pelo Outro, ou diante de uma resposta do Outro, que é recusada. Para tomar um exemplo da atualidade francesa, os eleitores de esquerda foram chamados a um segundo turno das eleições presidenciais para escolher entre dois candidatos de direita. Isso significa que cada eleitor de esquerda poderia pensar, legitimamente, que nenhum dos dois candidatos daria garantias condizentes com a opinião política desejável ou esperada para seu país. Diante da ausência de escolha, alguns esquerdistas (a maioria) resolveram inventar, no um por um, o voto republicano, ou seja, fazer do candidato de direita o significante do candidato que não existe e, graças a essa escolha, derrotar a extrema direita.

[6] Lacan. *Le séminaire* – livre XV: l'acte psychanalytique. Lição de 29 de novembro de 1967. Inédito.

Esse exemplo basta para sugerir que, no sentido estrito, o ato não surge do "blá-blá-blá", do uso de significantes disponíveis, do ato de palavra no sentido corrente do termo em francês. Exceto a distinção entre "palavra sem ato" e "ato

sem palavra", precisamente, como fazemos a distinção entre o dito e o dizer. Em toda palavra articulada, o significante representa o sujeito para outro significante. É claro que o sujeito aí é apenas representado. Se é para esse modo de ausência que Lacan aponta em sua proposição sobre o ato, ela é tão geral que não há lugar para distingui-la particularmente. Pode-se dizer que o sujeito representado está radicalmente ausente? Se se responde "não", é necessário elucidar de que ausência se trata no ato.

a ausência do sujeito

A ausência caracteriza-se pela maneira de fazer face, seja ao silêncio do Outro, seja à obrigação de escolher quanto à alternativa que o Outro oferece, seja à exigência subjetiva de dever recusar a proposição do Outro.

De um certo ponto de vista, no ato, o sujeito não o é, porque ele escapa ao significante que o representa, para tornar-se (identificar-se com) o significante que ele criou para encobrir a falta do significante do Outro. Essa ótica, em que o sujeito se faz portador de uma invenção significante que o transforma, não escaparia à lógica da alienação a um Outro assim renovado. Poder-se-ia dizer que o sujeito porta o significante vivo no real[7], ou que está mortificado sob a invenção que ele se torna?

Existe um outro ponto de vista, outra maneira de se ausentar. No ponto em que o sujeito descobre a questão do desejo do Outro sob a forma de um enigma real, visto que ele não se reconhece aí, o sujeito reúne seu próprio desejo, aquilo que ele "é", em resposta ao Outro. É a passagem ao ato, ou *acting out* (não o explicaremos aqui), ilustrado pela jovem homossexual, ao colocar em cena o *Niederkommen*, que condensa perfeitamente tanto a criança que ela deseja de seu pai como a que ela deseja ser — no tocante ao objeto *a* que ela é para o Outro.

Por um lado, a alienação entrega o sujeito à determinação inconsciente, posto que ele a intenta; por outro lado, a saída da cadeia significante o entrega à sua fantasia, ou à morte.

[7] Cf. LACAN. *Le séminaire – livre IV: la relation d'objet* (1956-1957), p. 218, 428.

o suicídio

Trata-se de uma oportunidade de reler a referência, sempre citada, ao suicídio como o único ato bem-sucedido, exceto, como diz Lacan, em 11 de novembro de 1971, que ele "é malogrado do ponto de vista do gozo". "O suicídio é o único ato que pode ser bem-sucedido, sem malogro. Se ninguém disser nada, é porque tem o *parti pris* de nada saber."[8] Mas Lacan atribui esse sucesso também ao ato falho, conforme o trecho: "O ato, qualquer que seja, o que lhe escapa é que é importante.

[8] LACAN. *Télévision*, p.66-67.

E é também o não superado pela análise, na introdução do ato falho como tal, que afinal é o único que sabemos que, seguramente, sempre tem êxito."[9] O que me parece ser esclarecido com o seguinte comentário: "Para o obsessivo, a morte é um ato falho. Isso não é tão tolo, pois a morte só é abordável por um ato. Ainda que, para que tenha êxito, seja preciso que alguém se suicide sabendo que é um ato, o que raramente acontece."[10]

Assim o ato está dividido entre alienação e *acting out*, de um lado, e separação, passagem ao ato e suicídio, de outro. Castanet recorda que Lacan fala do ato analítico como de uma "passagem ao ato esclarecida".

Então, qual é a saída para o ato? Quais as condições exigidas para o esclarecimento?

[9] Lacan. *Le séminaire* – livre XVII: l'envers de la psychanalyse (1969-1970), p.65.

[10] Lacan. Lição de 18 de fevereiro de 1975, p.106.

o traçado do ato

O primeiro significante, o da incorporação, faz com que o corpo se introduza como mortificação, como "menos gozar", que Lacan, uma ou duas vezes em seu ensino, escreve (*-a*). O menos gozar obstrui o sujeito que sucumbe à determinação do S_1. Esse efeito é representável (adoto uma sugestão de Bernard Lapinalie[11]) no esquema do circuito da pulsão no *Seminário XI*, mas invaginado, no corpo, a partir do furo (o gol) que o significante primordial confirma ou esvazia. O S_2, chamado em socorro pelo primeiro significante, libera desse menos gozar o sujeito que o articula, sob a forma de um "gozo a mais" dessa vez, precipitando-o para fora do Outro. Ele coloca o gozo a mais fora do Outro, pois o S_2 é tão incapaz quanto o S_1 para reduzir o gozo ao do significante. O S_2 libera o sujeito da determinação do S_1, mas isola uma causa possível para seu desejo. O esquema do traçado da pulsão distingue portanto o gol esvaziado pelo S_1 do circuito fornecido pelo S_2.

[11] Cf. Lapinalie. A montagem pulsional e suas conseqüências quanto ao ato analítico.

O objeto é o vazio onde se sucedem seio, leite, cigarros, beijos, de modo igualmente indiferente (e outros objetos, concorrendo à intricação pulsional), é o vazio em torno do qual gira a pulsão. Mas esse objeto enquanto falta é também aquele cujo desejo tem que se fazer uma causa. Entre o objeto em torno do qual gira a pulsão e o desejo causado na pura perda, como o sujeito consegue alcançar qualquer objeto da realidade? Graças ao órgão *libido*. A libido, não sem o objeto *a*, permite conceber a relação com o gozo do sujeito, ao qual o significante impõe seu "não lugar do gozo", seu "deserto de gozo". Pela via das fixações a este ou aquele tipo de objeto ligado aos desenredos quase biográficos com o Outro, a libido

submete o sujeito às exigências da fantasia. O objeto da realidade deve trazer a marca eletiva daqueles que prometem ao sujeito um ganho de gozo.

A repetição se fundamenta tanto no encontro malogrado com o real como nas coordenadas da fixação. Por isso, Lacan a qualifica de "pseudônimo freudiano do gozo".

Certamente, é para tornar legível, *a contrario*, o que Lacan chama de experiência da fantasia fundamental[12], que é se localizar em relação ao objeto. Localizar-se é saber de qual vazio o objeto é constituído. Em conseqüência, a fantasia perde seu poder de sedução sobre a "libido" e se reduz ao circuito da pulsão em torno do vazio, tornando-se pulsão. Não é essa a condição em que o sujeito, liberado do trajeto com os objetos de sua "coleção pessoal", ganha uma liberdade de ato? Não é essa liberdade de ato que justifica a questão de Lacan a esse respeito, isto é, como o sujeito que atravessou a fantasia vive a pulsão?

[12] Lacan. *Le séminaire* – livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, p.245-246.

a essência do ato

Serão suficientes apenas duas referências. A primeira encontra-se no seminário "D'un Autre à l'autre"[13], e a segunda, no "Discurso na EFP" [14].

Na primeira, Lacan explica como é que não existe relação sexual. A coisa freudiana, a verdade do desejo, tem a propriedade de ser assexuada, embora o vivente tenha uma posição e uma função sexuais. Disso resulta que não existe "relação definível como tal entre o signo do masculino e o do feminino". Lacan deduz duas proposições: de um lado, "não existe relação sexual no sentido em que esse ato seria de uma relação exata", e, de outro lado, inversamente, "existe apenas o ato sexual, no sentido em que existe apenas o ato, para fazer a relação".

O sexual é um dos nomes freudianos daquilo que, do real do sujeito, não é passível (matematicamente) de ser inscrito no significante. Em conseqüência, não existe uma relação exclusivamente simbólica formulável entre uma mulher e um homem, pois o simbólico (abrangendo os significantes "mulher" e "homem") é "castrado" do real do sexual. Mas o objeto obriga o sujeito que habita a linguagem a não esquecer a dimensão (entre outras, a sexual) do que ele é como "não significante". Portanto, há somente o ato, o salto para fora da alienação significante, como resposta.

Lacan conclui: "O que a psicanálise nos revela é que a dimensão do ato, do ato sexual em todo caso, mas, ao mesmo

[13] Lacan. *Le séminaire* – livre XVI: d'un Autre à l'autre. Lição de 4 de junho de 1969. Inédito.

[14] Lacan. Discurso pronunciado (...) 6 de dezembro de 1967 na EFP. *Scilicet*, p.13-14.

tempo, de todos os atos [...] sua dimensão própria é o fracasso." (da castração) Partindo desse trecho, pode-se dizer que só existe ato sobre o fundo de fracasso ao qual ele responde. Esse fracasso é simbolizado aqui sob as espécies da castração (que limitam a conduta do neurótico). Como entender? Seria suficiente concluir, tal como comentei acima, que a impossibilidade da relação sexual inscreve um fracasso onde somente um ato se destaca? Ou se deve entender que não existe ato sem a dimensão de fracasso que o condiciona? Mas então o ato pode ter êxito? O que é o êxito do ato?

o ato analítico como medida de todos os atos

Segunda referência. Lacan lança duas proposições surpreendentes: "todo ato é apenas uma figura mais ou menos completa do ato analítico" e "não existe o que domine este último". Lacan prossegue, lembrando que não existe Outro do Outro, nem verdade sobre a verdade. Não há Outro para cobrir a falha do Outro, não há verdade para compensar a impossibilidade de alçar o objeto ao nível de significação. Ele completa: não existe ato do ato,[15] acrescentando que é mesmo "impensável" (como também não existe transferência da transferência).

[15] Freud teve esse pressentimento quando observou, a propósito da interpretação, que "o leão só salta uma vez", em "Construções em análise" (1937).

Vejamos a famosa passagem a propósito de sua "proposição do psicanalista da Escola": "Minha proposição se aloja nesse ponto do ato, onde se assevera que ele jamais é tão bem-sucedido quanto malogrado, o que não implica que o malogro seja seu equivalente, em outras palavras, que possa ser tomado como êxito." Essa não reversibilidade implica concluir que "o momento de malograr só é conseguido no ato se o instante de passar a ele não tiver sido passagem ao ato, é parecer seguir o tempo para compreender". Em suma, render-se ao ato porque compreendemos que é só o que resta a fazer é apenas passagem ao ato, que implica alienação à determinação significante (ver a jovem homossexual).

Voltando ao exemplo da atualidade política francesa, quanto aos que afirmam ter votado no candidato da direita porque não tinham escolha, melhor fariam se se tivessem perguntado sobre o que, da ordem de sua fantasia, entrou em jogo. Eles se arriscam a ficar na situação dos eleitores que votaram na extrema direita por puro protesto, jurando que não são xenófobos nem favoráveis a um estado policial e, depois, vêem-se participando das opções fascistas de seu candidato. Aviso sem ônus para os eleitores progressistas e para quem quer que se alinhe em massa sob um significante, em uma instituição (uma Escola) etc.: o ato resta, senão a produzir, pelo menos a demonstrar.

Lacan destaca o fato de que sua proposição para o analista da Escola "ataca o ato analítico no viés em que ele se institui no agente". No sentido estrito, o agente é aquele por quem o ato chega — o passante. "Atacar" tem aqui o sentido de "empenho em confrontar teoricamente". Lacan indica então que esse ataque só faz malograr o ato "para aqueles [aos olhos daqueles] que fazem com que a instituição seja o agente do dito ato, isto é, que fazem separação entre o ato instituinte do analista e o ato analítico". A fórmula é rígida: quem se remete à instituição, bem como ao analista do passante, para identificar o ato analítico, só pode rejeitar o passe (de fato e de direito): "... o que é indicativo de um malogrado que jamais o alcançou." O ato está à espera do analisante, de cada analisante, e de ninguém que o decrete analista — Castanet enfatiza também.

Lacan prossegue de modo mais enigmático. "Então, que o instituinte só se abstraia do ato analítico naquilo que aí faça falta, justamente por ter conseguido pôr em causa o sujeito." Como entender? A fórmula recorta um fragmento da explanação do ato em que Lacan fala "de um ato tal que destitui em seu fim o próprio sujeito que o instaura". Parece-me que o ato analítico é dividido entre "um analista" que, pelo fato de seu próprio passe, inicia a tarefa analisante, a institui, coloca literalmente em causa o sujeito analisante, e "um passante" que, igualmente pelo fato de seu próprio passe, confirma que houve "analista"[16] no momento mesmo em que ele encontra a razão para despedir o primeiro.

[16] N.T.: No original: ... *qu'il a eu "de" analyste* ..

O analista pode apenas dar início às condições de um ato que só é conseguido quando o analisante passa, por sua vez, à posição de dar início às condições de um ato que só é conseguido quando... etc. Portanto, há algo de estruturalmente malogrado, pois, se o ato consiste na passagem a analista, as conseqüências são extraídas por um outro "sobre o qual ele deve renunciar ao exercício de qualquer poder".

Lacan conclui: "É porque malogrou que o êxito chega à via do analisante, quando ele demonstra o só-depois do desejo e as aporias do analista."

Nessa discussão, manterei apenas a condição do êxito, que vem do só-depois do desejo do analista. Como entender isso?

o desejo do analista

No final do tratamento, o analisante verifica a causa de seu desejo no objeto *a*. E descobre o que ele tem de real — que indica, por exemplo, em determinado caso, um determinado traço de perversão — em lugar de se unir ao

objeto (*acting out*) ou de expô-lo (passagem ao ato). Ele serve-se dessa descoberta, do fato de saber do vazio que o objeto abre no Outro (objeção ao saber), para, enquanto analista, fazer semblante do objeto (manejar o lugar para o objeto) que um outro analisante acredita perseguir. O "desejo do analista" é o consentimento em utilizar desse modo a descoberta do que ele é, no tratamento de um outro, como semblante daquele que o analisante persegue. Por esse consentimento, o analista faz do vazio de seu ser a placa sensível sobre a qual o novo analisante apostará seu ser, do qual ele não sabe, onde ele terá uma chance de, por sua vez, aprender "qualquer coisa". Trata-se de distinguir, por um lado, o "consentimento" que Didier Castanet questiona, a meu ver o "consentimento" a que nada nem ninguém obriga, e por outro lado, ainda que indissociável, o desejo do analista em função. O funcionamento do lugar onde é esperada a objeção ao Outro que o novo analisante ainda não sabe ser — o objeto *a* que ele é.

Assim fazendo, o que consente se coloca como *sinthome* no tratamento de um outro que, por isso mesmo, pode colocar em questão seu próprio sintoma, sem precisar temer muito essa resolução. Na verdade, o novo analista dá impulso a um ato que deverá ser arrematado sem ele quando o novo analisante, por sua vez, der impulso a um outro.

Isabelle Morin aproxima, para fazer uma distinção, o ato analítico e o ato criador.[17] Certamente, o que faz o êxito do ato criador é elevar a obra ao nível de *sinthome* — que amarra seu ser em fuga ao Outro — *sinthome* que às vezes vale para aqueles que entram em diálogo com ele. O analista é o *sinthome* que dá chance a cada um de reinventar a psicanálise. No fundo, a chance da psicanálise reside nessa reinvenção permanente, pelo próprio fato de seu fracasso como teoria que daria a última palavra sobre o real do sujeito. É o que Lacan nos ensinou a escrever: S(A barrado). No fundo, o significante que toma o valor de S(A barrado) para um sujeito é o nome próprio desse real para o qual não existe significante algum que o reduza ao do simbólico.

[17] Morin. Intervenção oral de 27 de abril 2002.

a Escola

Como saber que o êxito chegou ao ato? Ainda é preciso provar, extrair a demonstração e explicar. É uma acepção do termo "esclarecimento" que Castanet menciona para lembrar que, se ele falta, o ato analítico continua preso nas malhas da passagem ao ato. A explicação remete o analisante à via da alienação significante. Mas o inconsciente esteja aplacado, a

verdade em seu lugar, o objeto desvalorizado. A explicação estará portanto sem o apoio da fantasia, entre "fazer escola" e "se fazer uma causa para falar", e evocando o circuito da pulsão, o que basta para fazer um novo sujeito.

A explicação encontrou seu ponto de partida. Ela se apóia nesse significante particular, o S(A barrado), o nome próprio que a interpretação colocou em substituição ao "pseudônimo da repetição".

A referência do ato ao lapso, ao ato falho, à passagem ao ato, ou seja, às formações do inconsciente, poderia ser mais bem explorada. A interpretação do ato falho não se reduz à significação da ação que não teve lugar, nem à que a substituiu, mas precisamente a "alguma coisa" que não surge nem de uma nem da outra e que vem à cena. É disso que se trata um ato. O que faltou e tem êxito é a ação. Da mesma forma, o valor do lapso é irredutível à cadeia significante e não se impõe mais do que a ação que é basculada. O lapso indexa o entre dois, o que cada cadeia é incapaz de extrair, o objeto. É o que o *Witz* chega a fazer de maneira regrada, e é por isso que Lacan sustenta que o passe tem estrutura de *Witz*, isto é, fornece o significante que não pertence a nenhuma cadeia significante — S(A barrado) — e que nomeia o que lhes escapa, o objeto *a*.

Essa lição reforça o convite de Lacan para se aplicar o S(A barrado) ao AE em seu grafo do desejo. Resta E, que pode ser lido como o índice desse real ("a prova", ele escreve) que cada um tem de seu tratamento e a partir do qual "faz escola", ensina. O comentário de Lacan não tem ambigüidades: "Isso pode indicar que o analista deve sempre poder escolher entre a análise [E] e os psicanalistas. [A: a instituição, as listas, a hierarquia etc]."[18]

Chegando a esse ponto em que o sentido de sua vida é desvalorizado, o analisante reencontra-se com o objeto em torno do qual esse sentido deu a volta e do qual ele o extraiu. É uma indicação do fato de que o objeto se reduz ao real do simbólico — à letra. A letra ilegível a partir da qual ele vai explicar-se, escrever, dar a ler, e ler seus colegas. A partir daí ele realmente passa uma leitura, no passe, é claro, e mais além. Isso se chama, como também sugere Pierre Bruno[19], uma escola não de exegetas, prontos a recompor o sentido, mas de decifradores. Agrada-me sonhar com uma escola de leitor. Onde o leitor ensina ao leitor a partir de seus *Escritos*, escritos deixados por aquele que foi o primeiro a fazer, explicitamente, do real, seu sintoma.

[18] Lacan. Proposition du 9 octobre 1967 — première version, p.20.

[19] Cf. Bruno. a-sémantique. Intervenção oral.

Não é essa prática de anonimato fundada por *Scilicet*[20] que *Stylus* retoma a seu modo? Não se trata de apagar o nome que cada um tem do simbólico, o patronímico, pois afinal o autor é sempre conhecido (ainda que em *Scilicet* o patronímico participe do conjunto *bourbakiano* dos alunos de Lacan que contribuíram para a revista). Trata-se, portanto, para o leitor que ignora o patronímico, de substituir por este o nome próprio que não pertence ao simbólico: e a letra que o autor tem de seu tratamento e que depositou em seu texto, de onde se trata de extraí-lo novamente.

A tensão destacada por Castanet entre a ausência do sujeito no ato e a impossibilidade do ato sem um desejo que o suporte é assim ligeiramente deslocada: "Todo pensamento que faz escola", como disse Lacan, "tem como finalidade o ato"[21]. Não sem a letra, a assinatura do sujeito, ilegível (como todas as assinaturas), mas decifrada...

Toulouse, 6 de junho de 2002.

TRADUZIDO POR ANGELA LOBO DE ANDRADE

[20] Cf. LACAN. Introduction de *Scilicet* au titre de la revue de l'École Freudienne de Paris. *Scilicet*, p.3-13.

[21] LACAN. *L'acte psychanalytique*. Lição de 20 de março de 1968. Inédito.

referências bibliográficas

BRUNO, Pierre. a-sémantique. Intervenção oral. In: Seminário Problèmes de la Psychanalyse, 2002, Toulouse, APJL. Inédito.

CASTANET, Didier. A eficiência do ato e o desejo do analista. *Stylus*, Belo Horizonte, n.4, p.68-74, abril 2002.

FREUD, Sigmund. Analyse d'une phobie chez un petit garçon de 5 ans (Le petit Hans) (1909). In: FREUD. Sigmund. *Cinqpsychanalyses.* 7ème éd. Paris: P.U.F., 1975.

LACAN, Jacques. Discurso pronunciado (...) 6 de dezembro de 1967 na EFP. *Scilicet*, Paris, n.2-3, p.13-14, 1970.

LACAN, Jacques. Introduction de *Scilicet* au titre de la revue de l'École Freudienne de Paris. *Scilicet*, Paris, n.1, p.3-13, 1968.

LACAN, Jacques. *L'acte psychanalytique.* Lição de 20 de março de 1968. Inédito.

LACAN, Jacques. *Le séminaire*— livre IV: la relation d'objet (1956-1957). Paris: Seuil, 1994.

LACAN, Jacques. *Le séminaire* – livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse. Paris: Seuil, 1973.

LACAN, Jacques. *Le séminaire*– livre XV: l'acte psychanalytique. Lição de 29 de novembro de 1967. Inédito.

LACAN, Jacques. *Le séminaire*– livre XVI: d'un Autre à l'autre. Lição de 4 de junho de 1969. Inédito.

LACAN, Jacques. *Le séminaire*– livre XVII: l´envers de la psychanalyse (1969-1970). Paris: Seuil, 1991.

LACAN, Jacques. Lição de 18 de fevereiro de 1975 do seminário R.S.I. *Ornicar?*, Paris, n. 4, p. 101-106, mar. 1975.

LACAN, Jacques. Proposition du 9 octobre 1967 — première version. *Analytica*, Paris, v. 8, p.20, 1978. Supplément au numéro 12/13 d'*Ornicar?*, décembre 1977, repris in *Autres Ecrits,* Paris, Seuil, 2001. p.575-591.

LACAN, Jacques. *Télévision.* Paris: Seuil, 1974.

LACAN, Jacques. *Televisão.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LAPINALIE, Bernard. A montagem pulsional e suas conseqüências quanto ao ato analítico. Journée du Collège Psycanalytique du Sud Est. *Clinique des pulsions*, Aix en Provence, 1 jun. 2002. Inédito.

MORIN, Isabelle. Intervenção oral de 27 de abril 2002. *Séminaire déplacée*, Forums du Champ lacanien, Paris. Inédito.